

“É um grande problema para os bancos japoneses”

Diretores de bancos comerciais japoneses, reunidos para discutir a decisão do Brasil de suspender temporariamente o pagamento dos juros da dívida, temem que outros países sigam o mesmo exemplo.

Fontes bancárias do país, que falaram à UPI com a condição de permanecer no anonimato, disseram que a decisão brasileira “é um grande problema para os bancos japoneses”, acrescentando que a suspensão do pagamento dos juros “causará um imenso impacto neles”.

De acordo com o Ministério das Finanças e fontes privadas, cerca de vinte bancos comerciais emprestaram ao Brasil aproximadamente US\$ 10,7 bilhões — o que representa quase 10% do total da dívida externa brasileira, que fica em torno de US\$ 108 bilhões.

Algumas fontes bancárias em Tóquio disseram que a decisão foi “deprimente”, mas não se constituiu numa surpresa completa.

Funcionários do Ministério das Finanças disseram que estão num “compasso de espera”, aguardando o resultado das negociações do Brasil com os bancos privados, que já estão discutindo o problema entre si.

Funcionários desses bancos disseram acreditar que o Brasil retomará rapidamente os pagamentos, mas afirmaram que o grande perigo consiste na possibilidade de a “rebelião” se espalhar por outros grandes países endividados.

“Os bancos japoneses estão num dilema: se eles aceitarem cegamente uma solicitação brasileira para novos empréstimos, outros países endividados podem fazer o mesmo; e se eles se negarem a oferecer ajuda, o Brasil pode quebrar e os banqueiros perderão uma chance para recuperar seu dinheiro”, disse uma fonte bancária.

O Banco de Tóquio, que atua como um intermediário das negociações entre o Brasil e os bancos comerciais do Japão, negou-se a comentar o assunto oficialmente.

Mas as fontes bancárias disseram acreditar que o Brasil pedirá às instituições japonesas um empréstimo adicional de cerca de US\$ 600 milhões.

As fontes informaram ainda que as autoridades japonesas estão aguardando as medidas que os banqueiros privados norte-americanos — os maiores credores do Brasil — adotarão.